



**Programa de Pós-Graduação Lato Sensu  
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação  
Campus Nilópolis**

Ana Claudia Domingos Cajazeira

**CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA  
O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Nilópolis/RJ

2018

ANA CLAUDIA DOMINGOS CAJAZEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA  
O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia de Souza Teixeira

Nilópolis/RJ

2018

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, toda honra e glória regadas da minha eterna gratidão pela vida com sustento até o dia de hoje. Por me presentear colocando pessoas em meu caminho que cooperaram para a conclusão do curso.

À minha família, pelo sustento em amor, incentivo e compreensão nos momentos em que foi necessária a ausência.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Claudia de Souza Teixeira, pelos incentivos e orientações que foram além do trabalho de conclusão do curso. Compreensão e humanidade que me permitiram chegar à conclusão deste trabalho.

Às professoras Viviane Fialho e Ângela Coutinho, por terem aceitado participar da avaliação deste trabalho e pelas sugestões.

Aos professores da Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, pelo conhecimento construído ao longo do curso.

Aos Amigos, mais chegados que irmãos.

“Todo aquele que realizou qualquer espécie de trabalho criador experimentou em maior ou menor grau o estado de espírito no qual, depois de longo labor, a verdade ou a beleza aparecem, ou parecem aparecer em súbita glória, pode ser uma coisa insignificante ou algo a respeito do universo.”

(Bertrand Russel)

CAJAZEIRA, Ana Claudia Domingos. *Contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento infantil*. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2018.

## **RESUMO**

Este trabalho tem, como objetivo principal, mostrar a contribuição das atividades de contação de histórias para o desenvolvimento infantil. O levantamento bibliográfico baseia-se, principalmente, em autores que tratam da importância da literatura, da leitura literária e da contação de histórias para a vida das pessoas, em especial, das crianças, como Abramovich (2008), Andrade (2010), Banczek (2013), Busatto (2005), Farias (2011), Palmeiro (2016), Ramos (2011), Rodrigues (2016), entre outros. Para demonstração empírica da importância da contação de histórias, serão relatadas experiências da autora deste trabalho num projeto de contação de histórias realizado, com turmas da educação infantil e do ensino fundamental I, em três escolas de Japeri (RJ), sendo duas da rede privada e uma da rede pública de ensino.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Infantil; Leitura Literária; Contação de Histórias.

CAJAZEIRA, Ana Claudia Domingos. *Contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento infantil*. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2018.

## **ABSTRACT**

This academical work has, as main objective, to show the contribution of storytelling to children's development. The bibliographical survey is mainly based on authors who talks about the importance of literature, literary reading and storytelling to people's life, especially to the children's one, such as Abramovich (2008), Andrade (2010), Banczek (2013), Busatto (2005), Cândido (2011), Farias (2011), Palmeiro (2016), Ramos (2011), Rodrigues (2016), among others. In order to demonstrate empirically the importance of storytelling, this work relates some experiences of its author in a storytelling project carried out with kindergarten and elementary school I classes in three schools of Japeri (RJ); one public and two private schools.

**Keywords:** Children's Development; Literary Reading; Storytelling.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 A LITERATURA E SEU PAPEL FORMATIVO.....	9
2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	14
2.1 CONTAR HISTÓRIAS: UMA ARTE DA APRENDIZAGEM.....	16
2.2 CONTANDO E ENCANTANDO COM HISTÓRIAS.....	18
2.3 COMO SE CONTAM HISTÓRIAS? .....	21
3 CONTANDO HISTÓRIAS PARA SALVAR VIDAS.....	24
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO E DAS ATIVIDADES.....	24
3.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRIMEIRA ESCOLA.....	25
3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA SEGUNDA ESCOLA.....	28
3.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA TERCEIRA ESCOLA.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS.....	36

## INTRODUÇÃO

“A escrita é uma das maiores construções da humanidade, mas só está completa quando é lida por alguém.”

(Irané Antunes)

Segundo Bettelheim, “A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo como se entender melhor; com isso, torna-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.” (BETTELHEIN, 2011, p. 10). O autor defende que, nesse processo de desenvolvimento e descobertas, a literatura é de suma importância, pois ajuda os pequenos a lidarem com a realidade/dificuldade existencial através da fantasia. Enfatiza, no entanto, que a história, para enriquecer a vida das crianças, deve desenvolver o intelecto, tornar clara as emoções, estar em harmonia com suas ansiedades e desejos, espelhar suas dificuldades e ajudar a encontrar soluções para os problemas (*Idem*).

Embora Bettelheim considere os contos de fadas populares como as histórias mais enriquecedoras para as crianças, entendemos que qualquer história significativa e expressiva adequada ao universo infantil pode ajudar no desenvolvimento delas. Quando as crianças leem ou ouvem histórias, tendem a associá-las com as suas experiências e a se identificar com os fatos narrados. Esse processo de associação e identificação pode levá-las a encontrar meios de lidar com as situações difíceis do dia a dia, os sentimentos negativos, as limitações. Além disso, o conhecimento, a imaginação e a criatividade são ampliados.

Dessa forma, podemos considerar as atividades de contação de histórias como momentos especiais que oportunizam o contato com a literatura e a aprendizagem prazerosa. Segundo Abramovich,

Ah! Como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ler todo um caminho de descoberta e de compreensão do mundo absolutamente infinito... (ABRAMOVICH, 1997, p.16)

Baseado na concepção de que ouvir histórias ajuda na descoberta e na compreensão de um mundo infinito, este trabalho aborda de que forma as atividades de contação de histórias podem contribuir para o desenvolvimento infantil.



Atualmente são realizadas, com frequência, atividades de contação de histórias, em diferentes espaços, como centros culturais, museus e instituições de ensino. Órgãos governamentais, como o Ministério da Educação, em materiais como o intitulado *A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos* (BRASIL, 2009), entendem a importância dessas atividades, tal como afirma Machado:

As histórias que ficam da infância não são somente aquelas que lemos por conta própria, mas também aquelas que nos foram contadas. Neste caso, a memória guarda, além da história e seus personagens, a voz de quem contou, sua entonação, seus gestos, sua emoção. Ao contrário do que se imagina, os dois modos de conhecer as histórias são experiências que prosseguem pela vida afora, mesmo depois que se aprende a ler. (MACHADO, 2009, p. 72).

Também experiências têm sido compartilhadas, por exemplo, por professores e gestores, em cursos de formação, no Rio de Janeiro, como “Trilhas Literárias - da mediação às práticas de leitura”, realizado pelo Instituto Tear de Atividades Criativas, no município de Nilópolis/ RJ, ocorrido no período de abril a julho de 2017; “LITESCOLOA de Raiz: Cordel na Educação Básica”, no PROPGPEC (Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura), do Colégio Pedro II, em São Cristóvão/RJ; “Oficina Educativa Era uma vez o Mundo”, ministrada na UNIGRANRIO – Duque de Caxias/RJ, eventos da qual a autora deste trabalho participou compartilhando relatos e práticas.

Com o entendimento de que cada indivíduo tem um mundo a ser descoberto, compreendido, explorado, foram realizadas atividades de contação de histórias, também, por esta autora, num trabalho voluntário em escolas de Japeri, município da Baixada Fluminense.

Para este trabalho, foi selecionada, para análise, uma sequência de atividades de contação de histórias realizadas com turmas da educação infantil e de ensino fundamental I, de três escolas de Japeri, sendo duas da rede privada e uma da rede pública de ensino. Essas atividades dividiram-se em três momentos: apresentação<sup>1</sup> do livro *Árvore dos sonhos*, por meio da contação da história, reflexão sobre o tema do livro e oficina de confecção da “árvore dos sonhos” como forma de avaliação.

O primeiro capítulo aborda a função humanizadora da literatura, ou seja, a capacidade de confirmar a humanidade do homem. O segundo fala da necessidade de o homem se comunicar e perpetuar a sua história, passando, para gerações futuras, de forma oral, conhecimentos e ideias que compõem sua cultura. Ainda se destaca a importância das histórias na formação da criança e o caráter artístico da contação de

---

<sup>1</sup> Em turmas com alunos mais novos, foi necessária também uma preparação para a leitura.

histórias. No capítulo seguinte, defende-se que a contação de histórias deve estar inserida na escola, pois possibilita aos alunos desenvolverem-se em diferentes áreas de sua vida. No último, narram-se e se analisam as experiências da autora em atividades de contação de histórias, destacando os resultados delas para o desenvolvimento dos alunos envolvidos.

O aporte teórico desta monografia foi elaborado, principalmente, a partir dos trabalhos de Abramovich (2008), Andrade (2010), Banczek (2013), Busatto (2005), Cândido (2011), Farias (2011), Palmeiro (2016), Ramos (2011), Rodrigues (2016), Sant'Anna (2011), entre outros.

## 1 A LITERATURA E SEU PAPEL FORMATIVO

“O livro é uma extensão da memória e da imaginação.”

(Jorge Luis Borges)

Segundo Candido (1999), a literatura tem função humanizadora, ou seja, a capacidade de confirmar a humanidade do homem. O autor trata dessa humanização com foco na pessoa, em seus valores, mas não defende que a literatura funcione como manual de boa conduta e virtudes. Da mesma maneira que a vida ensina na medida em que se vive, a literatura contribui para a formação do indivíduo quando é despertado o interesse pela produção e fruição dela. Esta deriva-se de uma espécie de necessidade de ficção, de fantasia. Candido (1999) explica a ligação entre essa fantasia e a realidade:

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CANDIDO, 1999, p. 83)

A literatura, vista de forma ampla, como todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, é uma manifestação universal de todos os tempos. Candido (2011) afirma que não há povo e não há homem que possa viver sem estar em contato com alguma espécie de fabulação. Esta, observada de maneira geral, corresponde a uma necessidade que precisa ser satisfeita. Essa satisfação é um direito. O autor diz ainda que, para existir um equilíbrio social e humanização do homem, é necessária a ação da literatura:

A literatura é um sonho acordado das civilizações e assim como não é possível haver um equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é um fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade inclusive porque atua em grande parte do subconsciente e do inconsciente. (CANDIDO, 2011 p. 177)

Para Candido (2011), a literatura tem três faces que devem ser ressaltadas. Primeiramente, é uma construção de objetos independentes do mundo real em estrutura e significado. Também é uma forma de expressão que manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos: o escritor é um porta-voz do tempo e do espaço e da visão de mundo dele, e o leitor é quem pode traduzir essa visão a partir de suas experiências e conhecimento. A última face é ser uma forma de conhecimento que o ser humano adquire sem, muitas vezes, se dar conta.

Ainda segundo Candido (2009), a função humanizadora da literatura seria a soma de três funções: a psicológica, a formadora e a social. A primeira está relacionada com a fantasia e a imaginação, necessidades e faculdades próprias e elementares do ser humano.

A literatura também pode *formar*, mas não segundo a pedagogia tradicional oficial, que, atendendo aos valores dos grupos dominantes, costuma defender o “Verdadeiro, o Bom, o Belo”. Conforme o autor: “Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras.” (CANDIDO, 1999, p. 84). Assim sendo, essa pedagogia oficial poderia ser ameaçada pelas informações e reflexões proporcionadas pela literatura, uma vez que podem dificultar o controle sobre os indivíduos.

A terceira diz respeito ao fato de a literatura ser uma representação da realidade social. Dessa forma,

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 1999, p. 89-90)

A literatura, qualquer que seja ela, pode produzir mudanças no modo de pensar dos indivíduos, levando-os a questionar a realidade. Como afirma Candido (2011):

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Dessa forma, Candido (1999) faz um o seguinte questionamento: “A literatura tem uma função formativa de tipo educacional?”. E ele mesmo responde, deixando claro que a formação não é meramente pedagógica:

Sabemos que a instrução dos países civilizados sempre se baseou nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura. Tomadas em si mesmas, seriam as letras humanizadoras, do ponto de vista educacional? Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. (CANDIDO, 1999, p.84)

Para o autor, desfrutar da literatura é direito das pessoas de qualquer sociedade. As produções literárias de todos os tipos satisfazem necessidades básicas do ser humano, enriquecem a personalidade e humanizam. Humanização que

promove a disponibilidade em o homem ser útil ao outro, o exercício da reflexão, o aprendizado, o positivismo para encarar os desafios da vida, a percepção da beleza do mundo, a produção do humor.

Rodrigues (2016) afirma que a literatura, como meio para a organização social, pode garantir a formação de cidadãos conscientes e humanizados, gerando uma sociedade mais igualitária que valoriza o homem como sujeito de direitos e não apenas como meros espectadores conformados dos acontecimentos sociais. É possível, então, afirmar que a literatura pode ser um instrumento poderoso de educação num sentido mais amplo.

O prazer motivado pela literatura pode causar a satisfação de necessidades afetivas, emocionais e intelectuais do indivíduo, encorajando sua liberdade e a construção da sua história. Apesar da fruição individual da literatura, a ação de estar com o outro provocando a curiosidade, o desejo de se encantar, é possível e cabível. Um leitor professor, por exemplo, pode influenciar seus alunos, motivando a busca dessa satisfação proporcionada pela literatura.

A promoção da inclusão social do indivíduo também pode acontecer com a ajuda da literatura, pois esta pode levá-lo a refletir sobre sua existência, cooperando para o compartilhamento de ideias e opiniões, para sua afirmação pessoal, para uma sociedade melhor. A literatura abre as possibilidades dessa interação, fazendo o mundo real ser mais pleno de sentido e mais bonito (RODRIGUES, 2016).

Palmeiro (2016) defende que, independente da idade e do nível de desenvolvimento de leitura do leitor, a literatura é compreendida como a arte da palavra. Arte dinâmica de um ciclo literário em que o texto não existe sem o autor, assim como não existe sem o leitor. Os livros podem ainda exercer uma função terapêutica com o propósito de melhorar a vida do leitor, ajudando a tratar problemáticas emocionais comuns: “Os livros também podem ajudar a instância leitora a projetar-se no narrado e nele encontrar possíveis soluções para os seus dilemas e conflitos psicológicos, existenciais e relacionais.” (PALMEIRO, 2016, p.27).

A literatura como arte terapêutica é relevante porque a criança ou o jovem consegue identificar as táticas aplicadas pelas personagens, como afirma Cordeiro (apud PALMEIRO):

Os problemas vivenciados pelas personagens e os conflitos por elas representados nas histórias traduzem, em grande parte, os problemas experienciados pelas crianças e jovens no seu cotidiano, bem como os momentos de tensão despoletados no interior de cada indivíduo. À medida que a história se desenvolve e a criança se vai identificando com as personagens, trilhando percursos e enfrentando obstáculos que lhe são familiares; à medida que a criança vai percebendo que existem soluções para os problemas, tal como as histórias lhe demonstram, vai

apaziguando os seus receios e angústias, pelo que as histórias lhe podem proporcionar bem-estar e alívio. (CORDEIRO<sup>2</sup>, 2010 apud PALMEIRO, 2016, p.37)

Com a literatura, é construído pela criança e pelo jovem, conforme sua visão e compreensão, um lugar de estima em meio às palavras, imagens, cores que, mediado por um adulto capacitado, ciente das necessidades e obstáculos do público-alvo, coopera significativamente para o desenvolvimento da leitura e para o contentamento.

A literatura, portanto, também por sua função terapêutica mencionada por Palmeiro (2016), é importante no desenvolvimento da criança, porque possibilita que a imaginação pessoal e a identificação com os personagens façam-na perceber que as respostas aos seus conflitos e dúvidas podem ser encontrados assim como acontece nas histórias.

Pelo que foi dito neste capítulo, podemos afirmar que a literatura pode ajudar o indivíduo a se conhecer e viver melhor e a se humanizar na medida em que o torna mais compreensivo e aberto para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011).

---

<sup>2</sup> CORDEIRO, A. *O livro infantil e a leitura animada como recursos terapêuticos*. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa – Especialização em Literatura Infanto-Juvenil) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2016.

## 2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

“Se o ato de sonhar não é uma exclusividade dos humanos, contar histórias é uma arte milenar exclusiva das sociedades humanas.”

(Carlos Aldemir Farias)

A contação de histórias é uma das formas mais antigas de perpetuação das tradições de um povo, mas não se sabe quando se originou essa atividade. Pode-se afirmar, no entanto, que surgiu devido à necessidade de se passar os conhecimentos e acontecimentos às gerações futuras. Histórias transcritas, em forma de símbolos, nas paredes de cavernas, resistem eternizando os relatos das aventuras dos primeiros caçadores e coletores, como afirma Farias (2011):

Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social e cósmica. Algumas dessas histórias ficaram registradas nas paredes das cavernas e ainda resistem às intempéries acontecidas durante os milhares de anos. (FARIAS, 2011, p.19)

A origem das histórias populares está relacionada à formação dos povos, em que há o encontro de contos, mitos, lendas, costumes e língua de cada nação, tribo ou região. De acordo com Santos (2012), a perpetuação das histórias fantásticas deu-se de forma oral: aprendidas, eram repetidas com a preocupação de mantê-las na forma original; outras vezes, aumentando ou diminuindo um “ponto”. Isto quer dizer que o processo de recriação era ininterrupto.

Ramos (2011) destaca que a transmissão oral foi uma das soluções encontradas pelas comunidades que não possuíam escrita para informar às gerações mais novas seus valores, crenças e saberes considerados necessários para sobrevivência, vivenciados em seus grupos ou individualmente.

O contador narra para se sentir vivo, para transformar a história dos outros e a sua em uma narrativa essencial. Transmite histórias que existem para serem contadas, ouvidas e conservarem acesa a vida da humanidade (BUSATTO, 2005). Um narrador utiliza a tradição oral para propagar mitos, organizar caos e perpetuar a história da sua cultura.

Segundo Prieto,

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre

um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória. (PRIETO, 1999, p. 41)

Antes de haver a escrita, os contadores de história eram essenciais na comunidade, pois, através da transmissão oral, compartilhavam conselhos com base nas experiências individuais e dos grupos, mantendo viva a herança cultural. Conforme Ramos (2011):

Os contadores eram figuras de destaque na comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva, enfim, a herança cultural pela memória do grupo. Os contadores retiravam de suas vivências e dos saberes delas obtidos o que contar. Em assim sendo, narrar dependia de eles colherem os saberes da experiência, e de produzi-los em objetos (visuais, auditivos, etc.) para serem apresentados a outros. (RAMOS, 2011, p. 30)

Ainda hoje, em comunidades indígenas, por exemplo, os contadores de histórias têm papel semelhante ao mencionado na citação. No entanto, mesmo na sociedade moderna e tecnológica, o ato de contar histórias, em especial, para as crianças, é de grande importância, pois promove o despertar da imaginação, convida ao mundo da fantasia, estimula o pensar e move as emoções. Elas são levadas a questionar, opinar, sugerir, discordar, posicionar-se como ser reflexivo. Segundo Mateus et al. (2014), a contação de histórias influencia além da imaginação, pois age na formação da personalidade da criança:

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças. (MATEUS et al., 2014, p.56)

Conforme afirma Rossoni e Felicetti (2014), a contação de histórias pode atuar como veículo de interação social, em seu caráter artístico de sedução e encantamento, atraindo até o indivíduo mais reservado, despertando o interesse, a curiosidade, a identificação e, sobretudo, as transformações por meio das histórias.

Farias (2011.) diz que contar histórias é alimentar “a humanidade da humanidade”. Através da contação de histórias, permite-se que as pessoas lidem com as emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, a insegurança, o medo, o bem estar, a alegria, a confiança. Proporcionam-se momentos de prazer e, ao mesmo tempo,



fortalecem-se seus alicerces, contribuindo para o seu desenvolvimento (BANCZEK, 2013).

Segundo Puig<sup>3</sup>, citado em Poliedro (2016, s.p.)

[...] a criança quando ouve histórias, consegue perceber as diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e bonitos, poderosos e fracos, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Através deles a criança incorporará valores que desde sempre regem a vida humana.

Fato positivo é a contação de histórias passar a ser valorizada, também, no meio urbano, nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1980, com o aumento do número de cursos para contadores de história e de casas e secretarias de leitura, conforme afirma Sant'Anna (2011). A arte de contar histórias, também, está sendo redescoberta com base em uma diversificada bibliografia que abarca diferentes ramos do conhecimento, como arte, educação e psicologia.

## 2.1 Contar histórias: uma arte da aprendizagem

“Somos estórias em movimento.  
Parábolas vivas.  
E quem conta estórias vive várias  
vidas numa só.”  
(Affonso Romano de Sant'Anna)

Grossi (s.d) afirma que ao contar histórias, a pessoa desempenha uma verdadeira atuação, transformando-se em um artista. Para despertar e ativar as sensações do espectador, o contador da história precisa contagiar o ouvinte, das mais diversas formas, trazendo-o para dentro da narrativa. Segundo Grossi:

O contador de histórias cria imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios... Esses elementos proporcionam uma interação direta com o público e implicam improvisação e interpretação. (GROSSI, s.d, p.1)

A contação de histórias, como arte, ativa diferentes áreas da vida do aluno, da integralidade do ser. De acordo com Banczek (2013), contar histórias proporciona à

---

<sup>3</sup> PUIG, Josep Maria. *Democracia e a participação escolar*: propostas de atividades. Trad. de Maria Cristina de Oliveira. São Paulo: Moderna 1998.

criança a criação de um mundo próprio por meio da imaginação. Ela entra no mundo da fantasia e aceita que um cabo de vassoura represente um cavalo, por exemplo.

Costa afirma que a contação atende tanto a uma função de resgate cultural, quanto a uma função psíquica, pois trabalha o imaginário, “Além, é claro, do natural prazer e divertimento de poder compartilhar narrativas inventadas.” (COSTA, 2009, p. 82).

A contação coopera com a aprendizagem, ativando a mente do indivíduo quando ele busca finais possíveis, estabelece ligações ou muda o roteiro da narrativa. Segundo Rossoni e Felicetti,

A intervenção pedagógica com o uso da contação de histórias, possivelmente, produz uma visão prospectiva da aprendizagem, na medida em que o indivíduo (criança ou adulto) faz conexões, estabelece relações entre os conhecimentos trazidos pelas histórias e os seus já internalizados. Ao sugerir um final para a história, mudando seu percurso, solucionando os problemas, o indivíduo ativa os processos mentais superiores, também chamados de funções psicológicas superiores, intencionalmente, ao fazer uso de sua memória voluntária, de sua capacidade de planejamento como também de sua imaginação. (ROSSONI e FELICETTI, 2014, p. 529)

Como forma de ensino e aprendizagem intencionais, o contar histórias pode produzir excelentes resultados, estimulando a fala, organizando ideias e o discurso. Contudo, é preciso estar atento à maturidade das crianças para que seja possível a assimilação das informações e os novos conhecimentos, atentando para que a atividade seja realizada com prazer.

As crianças e adolescentes da atualidade, no geral, são conhecedoras, usuárias e dominadoras de equipamentos tecnológicos que as agitam, gerando a dificuldade de concentração. Escrever, prestar atenção na fala do professor, ler ou reler um texto, sentar e dialogar com os colegas, são atividades que exigem dedicação e tranquilidade. Comportamentos que não são conseguidos com facilidade por causa do costume com barulhos da mídia e respostas prontas ao toque do dedo em um aparelho eletrônico.

Diante deste ambiente descrito, a contação de histórias atua como atividade para acalmar, ao mesmo tempo em que desperta interesse e provoca a curiosidade para reflexões (ROSSONI e FELICETTI, 2014).

Ouvindo, associando, estabelecendo conexões com as informações recebidas, o aluno trabalha a comunicação, amplia seu vocabulário. As palavras narradas interagem com o universo da fala infantil, oportunizando relações e significações em um ato de comunicação que permite interações imaginárias e reais.

Segundo Souza e Bernardino (2011), apesar das propostas de formação e capacitação de educadores para a contação de histórias, esta não é ainda uma prática comum nas escolas porque atividades de leitura comumente são entendidas como base para processos de avaliação. Nesse contexto, a contação de histórias perde seu valor de acesso diferenciado e prazeroso ao texto ficcional.

A arte da contação de histórias, como um recurso essencial para o desenvolvimento das crianças, precisa ser valorizada, conforme afirmam Souza e Bernardino:

De acordo com vários estudiosos a contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade. (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 236)

Por meio das histórias, podem-se abordar assuntos diversos em diferentes disciplinas, sem retirar o prazer da fruição da literatura, conforme Abramovich (2008). Segundo a autora, através delas, descobrem-se outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica, sendo uma porta aberta para a compreensão do mundo.

## **2.2 Contando e encantando com histórias**

“A gente só encanta quando se encanta.  
Se eu não estiver encantado com meu objeto de conhecimento,  
Eu não posso encantar o outro.”  
(Mario Sergio Cortella)

Apesar de algumas pessoas acharem que é necessário ter talento especial para contar histórias, na verdade, o necessário é o envolvimento com elas e o uso de algumas técnicas que contribuirão para encantar os ouvintes.

Saber selecionar as histórias que serão contadas, observando características do público, faixa etária, anseios, é a primeira etapa para a contação. Identificar-se com a narrativa e estudá-la para envolver seu ouvinte é uma das exigências para o êxito da atividade. Considerar o objetivo da contação de histórias, definir o local também são preocupações que precisam estar no planejamento do contador.

Quanto à ação de contar histórias propriamente dita, é necessário que o contador saiba com propriedade a trajetória a ser narrada, estabelecendo vínculos para conseguir expressar as emoções necessárias relacionadas à história. Ele tem que transmitir confiança; o tom de voz precisa ser adequado, agradável; a gesticulação, planejada; deve ter o domínio do público para manter sua atenção, originalidade e criatividade. É preciso contar histórias de maneira a cativar o ouvinte, envolver-se e envolver ao outro para, juntos, usufruírem desse encontro com a narrativa. Segundo Santos (2009),

A própria contação de história é artesanal composta delicadamente, não somente pela transmissão do enredo da história, mas pelas sensações e encontros que o narrador tem com aquela história e é por meio dessas sensações que ele consegue pintar o quadro dos personagens, de maneira a cativar o leitor iniciante e incentivá-lo a imaginar e sentir o que está sendo contado. (SANTOS, 2009, p. 74)

É desejável que o contador de histórias encontre, na trajetória dos personagens, semelhanças com as trajetórias de vida das crianças (público alvo principal das atividades de contação de histórias), pois é importante que elas se identifiquem com as histórias.

Há muitas razões para se ouvir e contar histórias. Uma delas é que, ao ouvi-las, fazemos reflexões novas sobre as diferentes situações da nossa vida. Outra razão é que o farol da imaginação, da criatividade, da curiosidade e da ludicidade é mantido aceso, despertando-se, no indivíduo, independentemente da sua idade, o espírito juvenil (FARIAS, 2011). Ainda segundo Farias,

Por que é importante contar e ouvir histórias? Porque quando fazemos isso alimentamos duas das mais importantes características dos seres humanos: a imaginação criativa e a oratória. Somente os humanos dizem era uma vez... Somente nós fazemos isso: contamos a nossa história, a dos outros, escrevemos histórias, acrescentamos detalhes, criamos situações que não aconteceram de fato, imaginamos outros mundos, outros seres, outras paisagens, outras formas de ver e viver neste e em outros mundos. (FARIAS, 2011, p.20)

A contação de histórias também é uma das experiências que cooperam para despertar o gosto pela leitura na infância e proporcionar meios para que a criança cresça desenvolvendo e aprimorando esse gosto na adolescência e juventude.

Grossi (s.d) afirma que contar uma história é diferente de lê-la. O contador recria a narrativa junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público.

Uma história é capaz de emocionar e de surpreender o ouvinte pela forma como é contada. Para Abramovich,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir, enxergar com olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2008, p.15).

A contação de histórias abre caminho para que muitas outras leituras do texto contado sejam feitas. As histórias permitem a vivência de diferentes experimentos em sua extensa área de possibilidades. Ouvir, sentir, enxergar com os olhos do imaginário, como afirma Abramovich (2008), desenvolvendo habilidades, interagindo com a beleza da literatura.

Ao se relacionarem com as histórias, as crianças vivenciam o prazer e o divertimento proporcionados pelas narrativas. Conforme afirmam Souza e Bernardino (2011), a contação de histórias pode ser desenvolvida como estratégia pedagógica, favorecendo a prática docente na educação infantil e no ensino fundamental:

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 237).

Para os alunos das séries iniciais é importante que, na contação de histórias, sejam observadas algumas exigências. Segundo Souza e Bernardino:

A didática do conto de histórias é motivante e enriquecedora nas séries iniciais, mas com o cuidado de que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, as narrativas possibilitarão às crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual. (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 238).

Observando o cuidado com a previsibilidade e a ludicidade nas narrativas, é bem provável que haja o pedido de repetição da história contada porque as crianças estabelecem uma relação de conhecimento e, na repetição, sempre descobrem algo novo. O pedido de repetição é um sinalizador de que houve o encantamento com a história, a identificação com elementos que cooperam para o desenvolvimento, possibilitando às crianças acrescentar novas informações, sugerir um novo desfecho.

O encantamento com o contar e ouvir histórias não pode ser apagado pela imposição de obrigatoriedade da leitura, do cumprimento de um prazo para a conclusão dela e nem mesmo a indicação absoluta do professor e/ou mediador.

A satisfação em usufruir da leitura/escuta de uma obra não pode ser exterminada por colocações arbitrárias das escolas. O professor/mediador precisa estar encantado com a contação de história para poder encantar ao seu público.

### 2.3 Como se contam histórias?

“Para sobreviver, tens que contar histórias.”

(Umberto Eco)

Na contação de histórias, as palavras devem ser consistentes em toda sua capacidade de chamamento, oportunizando que o contador, ao se apossar delas, provoque no ouvinte emoções e experiências vivas.

Abramovich (2008) diz que o ato de contar histórias é uma arte e, como tal, é tão linda que equilibra o que é ouvido com o que é sentido. Por isso, é preciso saber como fazer para que os ouvintes experimentem o que essa arte proporciona. Abramovich diz o seguinte:

Para se contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras. (ABRAMOVICH, 2008, p.18)

Quanto aos tipos de histórias a serem contadas, Araújo (2009) dá as seguintes indicações segundo a idade das crianças:

- a) até 3 anos – histórias que tratam de bichos, brinquedos e personagens de uma família (mãe, pai, avós, etc.);
- b) de 3 a 6 anos – as mesmas da fase anterior e histórias de crianças e contos de fadas;
- c) 7 anos: histórias de crianças, animais, encantamento, aventuras no ambiente próximo (família, escola), contos de fada;
- d) 8 anos: histórias com enredos mais elaborados e humorísticos;
- e) 9 anos: histórias mais vinculadas à vida real;
- f) 10 anos: histórias de aventuras; narrativas de viagens, de explorações, de invenções; fábulas; contos; mitos e lendas.

Sendo para crianças ou jovens, não se pode realizar a contação de histórias de forma aligeirada. É imprescindível que o contador das histórias esteja familiarizado com a obra, com o texto, com as palavras, para dar o ritmo ideal, a pausa necessária, a harmonia aos sons.

Costa (2009) fala da forma de aproximação entre o contador e o ouvinte, estabelecendo-se uma relação de entendimento:

As fórmulas muito conhecidas de início de contos, como o “Era uma vez...”, “Num lugar muito distante...”, “Um belo dia...”, “Havia naquela cidade...”, “Quando o mundo ainda não havia sido criado...”, “Contam os antigos que...” e tantas outras, predispõem o ouvinte a relacionar o que está sendo dito com um repertório de histórias já conhecidas e a projetar continuação e acontecimentos para a narrativa que está sendo apresentada. (COSTA, 2009, p. 83)

Contador e ouvinte ficam unidos em uma troca de sentimentos e emoções suscitadas pela narrativa. A partir dessas ideias, podemos afirmar que contar histórias – assim como ouvi-las – é uma experiência humana insubstituível.

Independente de qual seja a história, é preciso, conforme afirma Abramovich, que a narrativa, em sua integridade e inteireza, seja respeitada:

Se o adulto não estiver em condições emocionais para contar a história inteira, com todos os seus elementos, suas facetas de crueldade, de angústia (que fazem parte da vida, senão não fariam parte do repertório popular...), então é melhor dar outro livro para a criança ler... Ou então esperar o momento que ela queira ou necessite dele e que o adulto esteja preparado para contá-lo. (ABRAMOVICH, 2008, p.121)

A autora enfaticamente declara que, se o adulto não se encontra capacitado para contar a história, honrando suas especificidades, acaba “amputando” a obra, cometendo um crime que a escritora declara ser imperdoável.

Para que a contação de histórias aconteça com sucesso, é necessário que seja escolhido um espaço físico adequado, sem elementos que causem distrações e tirem o foco da atividade. A atenção que o contador precisa ter, ao se organizar para a contação de histórias, são enumerados por Abramovich:

1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo;
2. Conhecer detalhadamente a história que contará;
3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige;
4. Evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança;
5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler;

6. E por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo. (ABRAMOVICH, 2008, p.22)

Destaca-se ainda a postura do contador em sua escolha de contar a história sentado ou em pé. O importante é que esteja confortável, com liberdade de movimentos, para se expressar durante a atividade, conforme for pedido na narrativa, de forma leve e natural. O contato visual com o público-alvo também valoriza o que está sendo falado, envolvendo o ouvinte e o aproximando do contador.

Não é necessário usar objetos para contar histórias, mas estímulos visuais encantam as crianças, prendem sua atenção. Mostrar as ilustrações dos livros é importante, mas o contador também pode lançar mão de bonecos, fantoches, dedoches, brinquedos, fantasias e mesmo objetos do cotidiano da criança.

Ao se contar uma história, o importante é não ter pressa em terminá-la e tornar a atividade o mais atraente possível, pois o principal é a criança deliciar-se com essa arte, aproveitando cada parte e cada minuto.



### 3 CONTANDO HISTÓRIAS PARA SALVAR VIDAS

“O contador de histórias pode salvar vidas? Claro que sim, salvar seus ouvintes do marasmo da falta de criatividade; da falta de sonhos, da falta de encontrar o que realmente há de humano em si.”

(Gislene A. da Silva Santos)

Num trabalho voluntário, ou seja, sem remuneração, esta autora, professora de Língua Portuguesa e Literatura, idealizadora de projetos de arte e leitura realizados com crianças em escolas de Japeri/RJ e instituições sem fins lucrativos, realizou oficinas de contação de história e produção artística em três escolas do município, sendo duas do ensino privado e uma do público, totalizando 26 turmas compreendidas entre educação infantil e ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano).

As oficinas fazem parte do projeto “Vagão Literário”, criado e assim denominado pela autora. Ele consiste em atividades de mediação literária com oficinas de arte para crianças e adolescentes em espaços públicos, escolas e associações de moradores do bairro de Japeri/RJ, convidando passageiros a embarcarem em seu “vagão” e participarem, de forma divertida, criativa e muito prazerosa, de uma viagem ao mundo dos livros, pelo caminho da contação de histórias e dinâmicas de interação de grupo.

#### 3.1 Caracterização do público e das atividades

A contadora de histórias escolheu, para realização das atividades, escolas com as quais já tinha contato e que ficam localizadas no município de Japeri, onde ela mora. As duas escolas particulares ficam próximas ao centro comercial da cidade e são de fácil acesso. Já a pública está localizada em um bairro residencial distante do centro, sendo a única instituição escolar no bairro. Foi verificado, também, com os gestores das escolas, as propostas pedagógicas relativas à leitura, como projetos na área literária que são desenvolvidos com os alunos.

Os anos escolares escolhidos (Educação Infantil e Ensino Fundamental I) foram considerados os mais adequados por terem alunos na etapa escolar a que se direciona o projeto. Cada escola tinha uma necessidade pedagógica diferenciada, de acordo com sua realidade, para ser contemplada por meio das oficinas de contação de histórias, ou seja, especificou o que esperava que fosse trabalhado com os alunos.

Foi apresentado um planejamento para as três unidades escolares com base na contação da história *A Árvore dos Sonhos*, de Fabiano Alves Onça e ilustrações de Tatiana Paiva. A edição foi do próprio autor. O livro narra, de forma poética, a história de um menino e seu avô, que possuem uma árvore que ajuda a realizar sonhos. Onça explica:

*A Árvore dos Sonhos* representa tudo aquilo que, de alguma maneira, aspiramos em nossa vida. São nossos sonhos, nossos ideais, nossas metas, que vão brotando em nossa cabeça ao longo da vida. Algumas coisas conseguimos realizar, outras permanecem na imaginação. Em resumo, a *Árvore dos Sonhos* concentra tudo aquilo pelo qual levantamos cedo da cama para ir atrás! (ONÇA, 2015, s.p.)

As atividades, nas três escolas, foram planejadas para realização, no período de 40 minutos a uma hora, em três momentos<sup>4</sup>, a saber:

- 1º. Contação da história com apresentação inicial do livro;
- 2º. Discussão do tema: provocação para reflexão do que é preciso para a realização dos nossos sonhos;
- 3º. Avaliação: oficina de confecção: os alunos tiveram a oportunidade de construir suas árvores dos sonhos. Utilizando papel ofício colorido e folha de papel corrugado, confeccionaram uma pequena árvore (Para os alunos da Educação Infantil e de 1º e 2º anos, foram entregues árvores já confeccionadas a fim de agilizar as atividades.). Depois foram estimulados a pensar em desejos pessoais para escreverem em suas árvores ou reproduzi-los por meio de desenhos ou colagens o que sonham para o futuro.

### **3.2 Contação de história na primeira escola**

De acordo com a disponibilidade de horário das escolas, a primeira em que foram realizadas as atividades foi a da rede particular, com 9 (nove) turmas, da creche ao 5º ano. O trabalho foi realizado em cada turma em separado. A orientadora pedagógica, com quem foi feito o contato inicial, disponibilizou uma sala ampla, arejada e bastante iluminada onde a contadora pôde criar um ambiente convidativo, com livros coloridos distribuídos no espaço para as crianças serem recepcionadas pela literatura e terem livre acesso a eles.

---

<sup>4</sup> Nas turmas de Educação Infantil até o 2º ano, foi necessário realizar uma preparação antes da contação de histórias para que os alunos ficassem menos agitados e mais atentos,

No total, 151 alunos participaram das atividades de contação de histórias nessa escola, como mostra a tabela 1.

Tabela 1: Número de alunos participantes na 1ª escola

TURMAS	Nº DE ALUNOS
Creche (2 a 3 anos)	12
Pré I (4 a 5 anos)	13
Pré II (5 a 6 anos)	12
1º ano (a partir de 6 anos)	20
2º ano (a partir de 7 anos)	21
3º ano (a partir de 8 anos)	15
4º ano (a partir de 9 anos)	26
5º ano A (a partir de 10 anos)	11
5º ano B (a partir de 10 anos)	21
TOTAL	151

Assim como as necessidades de escola para escola se diferenciam, de uma turma para outra, acontece o mesmo. Apesar de um planejamento único, as atividades ocorreram conforme as características de cada uma das nove turmas.

Os alunos das classes de creche e pré-escolar dos níveis I e II, pela proximidade em idade, tiveram reações parecidas: ao entrarem no espaço literário preparado, ficaram animados, e alguns exclamaram: “Muitos livros”. Literalmente eles se “jogaram” na literatura, rolaram, abraçaram e fizeram leituras através das cores e imagens.

Nessas turmas, após o tempo previsto para essa calorosa recepção, para os fazer sentar para a contação da história, foi realizada uma dinâmica em que cada criança se apresentava dizendo seu nome pausadamente e os demais colegas acompanhavam com palmas, marcando cada sílaba que era falada. Após dizer seu nome, a criança se sentava aguardando a apresentação dos demais. Ao final, todos estavam sentados em círculo para a contação da história.

Para a apresentação da *A Árvore dos Sonhos*, foi criado um suspense: o livro foi previamente colocado em uma embalagem de presente infantil bem colorida, enfeitada com um belo laço, para ser aberto juntamente com a turma. Esse momento gerou um novo alvoroço nos pequenos leitores.

Desde a descoberta do livro-presente, que tem uma capa que traz uma grande árvore composta com todos os desejos infantis, até todo o transcorrer da contação da história, a interação das crianças foi intensa. Opinaram, acrescentaram, levantaram,

vibraram com a descoberta de cada página. Como o momento seguinte do planejamento era a discussão para reflexão, que, no caso desses alunos, foi realizado já durante a contação da história, seguimos para o momento de confecção das árvores dos sonhos de cada um deles.

Por serem muito novos, para eles foi entregue a árvore já montada com seu tronco e copa. A ideia foi que buscassem, em revistas disponibilizadas para recorte, figuras, desenhos e imagens para compor as suas árvores dos sonhos; atividade que aconteceu no mesmo clima de alegria da chegada à sala e da contação da história.

As turmas do 1º e 2º ano também ficaram encantadas com a recepção no espaço literário, porém, mais contidos, esperaram a ordem para interagirem com os livros. Mas, assim que houve o contato com os exemplares literários, a empolgação e o entusiasmo aconteceram na mesma intensidade que no primeiro grupo.

Para o momento da contação de histórias, também foi necessário realizar uma dinâmica para que os alunos se sentassem e participassem da descoberta do presente literário proposto na contação da história.

O grupo ficou atento durante a atividade, bastante curioso com o que se apresentaria na página seguinte. Interagiu com perguntas e sugestão de possíveis desfechos para a história. Aplaudiu muito quando a última página do livro se abriu: uma árvore dos sonhos três vezes maior do que a apresentada na capa.

Para o momento seguinte de discussão e produção, também foram entregues as árvores montadas, mas, antes de buscarem imagens nas revistas, as crianças foram incentivadas a dizerem o que gostariam de ter em suas árvores dos sonhos.

Com as turmas de 3º ao 5º ano dessa escola, a recepção foi realizada com uma dinâmica corporal musicada, para os alunos se soltarem e ficarem à vontade para interagirem com os livros e com a contação de história. Essa estratégia funcionou dentro do esperado, já que alguns alunos, devido à idade (final da infância), normalmente ficam mais resistentes a certas atividades lúdicas, ainda mais promovidas por pessoas desconhecidas deles.

A contação da história transcorreu, nessas turmas, mais como uma “contemplação” da narrativa. Apesar de curiosos, poucos ousaram levantar possibilidades para o desfecho da obra ou fazer perguntas. No momento da discussão e da produção das suas árvores dos sonhos (terceira etapa/avaliação), os alunos, diferentemente das turmas anteriores, puderam montar suas árvores dos sonhos desde o tronco, criando a copa e tendo a liberdade de escrever, desenhar e também compô-las com imagens recortadas. Foi observado que, no momento da confecção das árvores, estavam mais à vontade e participaram animadamente.

Nessa primeira escola, foi observado que os sonhos escolhidos pelos alunos das turmas da creche ao 2º ano, para a composição das suas árvores, foram brinquedos coloridos e doces, como balas e pirulitos. Cada imagem encontrada no material disponibilizado para recorte causava gritos de alegria, e os alunos queriam colocar o máximo de figuras possíveis; todas com muitas cores.

Nas turmas do 3º ao 5º ano – que tiveram a oportunidade de, além de escolher imagens para recortes, também desenhar e escrever – foi perceptível a divisão dos grupos espontaneamente: os meninos se uniram em uma parte do espaço, e as meninas ficaram em lado oposto.

Os meninos buscavam imagens de jogos e aparelhos eletrônicos, como também de pizzas, hambúrgueres, cachorros-quentes, chocolates e refrigerantes. Compartilhavam entre si as imagens encontradas, e poucos montaram suas árvores com desenhos ou palavras escritas por eles mesmos.

No grupo das meninas, as árvores foram compostas com ilustrações produzidas por elas próprias. Quando fizeram uso de imagens em suas árvores, o predomínio foi de brincos, colares e maquiagens. Sempre umas observavam os trabalhos das outras, trocando ideias e sugestões, compartilhando imagens e o material de arte.

### 3.3 Contação de história na segunda escola

A segunda escola em que aconteceu a contação de histórias, também da rede privada de ensino do município de Japeri, abrangia apenas a educação infantil: da creche à pré-escola III, com 8 (oito) turmas. Portanto, foram realizadas oito oficinas. O pedido da orientadora pedagógica era que fosse realizada uma atividade extraclasse divertida para as crianças interagirem com os livros.

No total, 96 alunos participaram das atividades de contação de histórias nessa escola, como mostra a tabela 2.

Tabela 2: Número de alunos participantes na 2ª escola

<b>TURMAS</b>	<b>Nº DE ALUNOS</b>
Creche <sup>5</sup> (manhã)	09
Creche (tarde)	10
Pré I (manhã)	10
Pré I (tarde)	14

<sup>5</sup> As idades são as mesmas definidas na tabela 1.

Pré II (manhã)	11
Pré II (tarde)	15
Pré III (manhã)	12
Pré III (tarde)	16
TOTAL	97

Como na escola anterior, as crianças (da creche e do pré-escolar) mostraram-se dispostas a participar das atividades com muito encantamento e animação. Desde a chegada ao espaço preparado com livros e cores, passando pela dinâmica e interação na contação da história, cada classe participou perguntando sobre os personagens, sugerindo ideias. No final, as turmas pediram que a história fosse contada novamente, assim como outras que estavam disponibilizadas no espaço literário preparado.

A produção das árvores, na terceira etapa/avaliação, transcorreu num clima de muita satisfação por se poder ter uma árvore dos sonhos semelhante a que o avô Pereira presenteou ao neto Joãozinho na história contada, além de se poder levá-la para casa.

Os sonhos escolhidos pelas crianças dessa segunda escola foram representados por ilustrações dos desenhos animados e dos brinquedos que disseram ver na televisão, nas propagandas dos canais infantis.

Todos os meninos procuravam imagens dos bonecos dos seus super-heróis preferidos e acessórios. Todas as meninas queriam ilustrações de brinquedos, mas escolheram as mesmas, o que causou grande agitação tanto na busca quanto no encontro delas.

As árvores dos alunos da creche à pré-escola III ficaram coloridas e com grande quantidade de figuras de brinquedos e de personagens de desenhos infantis.

### 3.4 Contação de história na terceira escola

A terceira instituição em que o “Vagão Literário fez parada” foi numa escola pública municipal de Japeri (RJ). Nela havia 9 (nove) turmas do pré-escolar I ao 5º ano do ensino fundamental, totalizando alunos, conforme apresenta a tabela 3

Tabela 3: Número de alunos participantes na 3ª escola

TURMAS	Nº DE ALUNOS
--------	--------------

Nível I (4 a 5 anos)	17
Nível II (5 a 6 anos)	17
1º ano <sup>6</sup> – Turma: 101	22
2º ano – Turma: 201	21
3º ano – Turma: 301	16
3º ano – Turma: 302	16
4º ano – Turma: 401	19
4º ano – Turma: 402	17
5º ano – Turma: 501	19
TOTAL	164

A sugestão dada pela orientadora pedagógica dessa escola foi que se trabalhasse a importância do estudo na formação do ser humano. O bairro em que a escola está situada, desde 2017, tem sofrido com a violência promovida pelo tráfico de drogas. Os meninos e meninas que moram nas proximidades têm sido atraídos pelas ilusórias propostas de venda de drogas como forma de vida.

Em contato com os professores das turmas antes das atividades de contação de histórias, eles narraram a dificuldade, principalmente com as turmas dos 5º anos, de ministrar as aulas conseguindo a atenção e o interesse dos alunos por aprender. Segundo os docentes, muitos vão para a escola porque é oferecido o café da manhã e da tarde, assim como o almoço. Não faltam às aulas porque os pais são informados pela orientação educacional que podem perder o direito aos benefícios dos programas de assistência social do governo federal.

As atividades foram programadas para serem realizadas no espaço da escola ao ar livre, mas, devido à insegurança causada pela violência em torno do bairro, a equipe pedagógica aconselhou que acontecessem em um espaço fechado. Assim, foram desenvolvidas em uma das salas de aula disponíveis.

Diferentemente do que ocorreu com as turmas da creche ao 2º ano das escolas privadas, as crianças do Nível I e II e do 1º e 2º anos da terceira escola entraram no espaço literário muito acanhadas. A impressão foi que tudo era muito novo para elas. Só após a permissão da contadora, reforçada pelas professoras, para pegarem os livros, que timidamente algumas o fizeram.

Para ganhar a confiança das crianças e as ajudarem a se descontraírem, foi feita a dinâmica corporal musicada – em que as crianças acompanhavam com palmas uma

---

<sup>6</sup> As idades dos alunos do 1º ao 5º ano são as mesmas apresentadas na tabela 1.

música -, que funcionou como o esperado. Já havia risos soltos, e as falas que preenchiam a sala alegraram o lugar.

No momento da contação da história, a concentração causada pela curiosidade foi surpreendente. No lugar da timidez inicial, surgiam os porquês sobre o avô Pereira e o neto Joãozinho. Muitas palmas e gritos no desfecho da história ao conhecerem a Árvore dos Sonhos do avô de Joãozinho.

Quando foi iniciada a produção das arvorezinhas, aqueles pequenos acahados que chegaram deram lugar a expansivos alunos que, em todo tempo, queriam saber das “tias” (contadora e professoras) se as suas árvores dos sonhos estavam bonitas e se poderiam levar para os pais verem. A atividade foi finalizada com as crianças sem que elas quisessem ir embora. Sentiam-se pertencentes àquele espaço, idealizado e feito para elas.

Para a representação dos sonhos escolhidos para produção das árvores pelas turmas do Nível I ao 2º ano, como das classes da mesma faixa etária das escolas privadas citadas, predominaram imagens e figuras de brinquedos e doces. No entanto, foi observado que, diferentemente do que aconteceu na escola privada, algumas crianças escolheram apenas uma imagem para compor suas árvores.

Ao perceber a situação, esta contadora incentivou os alunos a buscarem mais imagens. Alguns se animaram e o fizeram, outros disseram não querer e ficaram apenas observando seus colegas concluírem a atividade.

Já as turmas de 3º e 4º ano entraram no espaço literário muito falantes e diretamente foram ao encontro dos exemplares literários disponibilizados. Com elas, não foi necessária a realização de dinâmica para introduzir o momento da contação da história porque não estavam agitadas.

Atentos, os alunos acompanharam toda a narrativa sem interrupções e, ao serem convidados a produzir suas árvores dos sonhos, ficaram em dúvida sobre o que poderiam colocar. Motivados a desenharem, escreverem ou recortarem dos materiais disponibilizados tudo o que desejavam, confeccionaram árvores com metas para realizações futuras.

A escolha dos sonhos dessas turmas também se aproximou com a das turmas do 3º e 4º ano da segunda escola relatada, tanto por parte dos meninos, na seleção dos tipos de alimentos e jogos e aparelhos eletrônicos, como por parte das meninas, em suas preferências por acessórios de beleza e maquiagens.

Os alunos das turmas de 5º ano do ensino fundamental, encontravam-se, na maioria, na pré-adolescência, mas era possível identificar alguns casos de adolescência precoce. Esta é uma fase de transição em que muitos não sabem como



agir, ou melhor, não agem da forma que o meio social em que estão inseridos esperam.

No início das atividades, os alunos estavam muito tímidos, apesar de curiosos em relação ao que seria revelado na proposta de trabalho. Porém, no decorrer da história, ao se identificarem com o enredo, permitiram-se envolver com o tema, opinando e sugerindo possíveis desfechos. Com isso, no momento da discussão, segunda etapa da atividade, houve participação ativa de todos.

Na terceira etapa, tida como avaliação, os alunos participaram animadamente da produção das suas árvores dos sonhos, confirmando o que diz Rodrigues: “Engana-se quem acha que ouvir histórias é algo passivo. As reações que temos ao ouvir histórias contribuem, por exemplo, para que aqueles à nossa volta compartilhem de nossas opiniões e do nosso olhar sobre o mundo.” (RODRIGUES, 2017, s.p.).

Foi interessante e prazeroso observar, no desenvolver das atividades, que os alunos, crianças, adolescentes precoces ou não, aguçados pela curiosidade, envolvidos na temática da obra, renderam-se à magia da literatura da *A Árvore dos Sonhos*.

Alguns acontecimentos, durante a produção das árvores dessas últimas classes, merecem ser comentados: os meninos, que inicialmente resistiram em participar das atividades de produção, após a fala de incentivo dos professores, permitiram-se confeccionar, porém só buscavam imagens de carros, motos, telefones celulares atuais. E quanto mais imagens colocavam, mais queriam exibir o trabalho aos amigos de classe. Apenas um aluno colocou um recorte da imagem de uma instituição acadêmica e fez questão de mostrar à contadora qual era o seu desejo.

As meninas buscavam imagens de produtos de beleza e acessórios da moda, também roupas e imagens de moradias belíssimas, geralmente em praias. Uma aluna colocou a imagem de um bebê bem branco, com os olhos verdes, e disse que seu sonho era ser mãe de uma criança como a do recorte que buscou. O que chama a atenção é que a menina é negra, mas não demonstrou satisfação alguma em ser assim. Esses fatos geraram novos temas a serem trabalhados, no futuro, com essas crianças, além da maior necessidade de incentivo ao estudo como o melhor caminho para a formação do ser humano. Esta foi a preocupação inicial da orientação pedagógica da escola.

A citação de Santos é adequada para a compreensão do impacto da contação de histórias na vida desses alunos que vivem em área de risco:

O contador de histórias pode salvar vidas? Claro que sim, salvar seus ouvintes do marasmo da falta de criatividade; da falta de sonhos, da falta de encontrar o que realmente há de humano em

si. Quem sabe nesse mundo tão conturbado em que vivemos, no qual a pessoa, na agitação diária, se afasta cada vez mais do sentimento e da sensibilidade, possa ser reavivada e levada a refletir sua vida com mais lirismo; podendo refletir seus encontros e desencontros com o auxílio da Estética, sendo mais sensível e, por que não dizer, mais humana. (SANTOS, 2009, p.96)

Santos, ao falar de criatividade e sonhos, chama a atenção para a realidade das nossas vidas, que pode nos afastar do lirismo, do sonho. Isso foi percebido durante as atividades na escola municipal, levando-se em conta o cenário de insegurança e medo em que o bairro está inserido. Com maior nitidez, os reflexos dessa situação são vistos nas turmas do 5º ano do ensino fundamental, compostas por alunos que já compreendem e vivenciam com mais intensidade o contexto de perigo e delinquência em que estão inseridos.

Além disso, esses alunos tiveram a oportunidade também de terem suas vidas físicas salvas. Como já mencionado, o bairro em que a escola municipal está localizada vem vivenciando situações de violência devido ao tráfico de drogas. Infelizmente muitas crianças e adolescentes da localidade têm sido atraídas: umas por curiosidade, outras por ilusão e falsas propostas de melhoria de vida. No entanto, o destino de muitos é a morte por assassinato.

Quando foi feita a sugestão das oficinas de contação de histórias, os professores e coordenadores da escola foram bastante receptivos e disseram estar esperançosos que o projeto trouxesse uma nova visão aos alunos, que os despertasse para a possibilidade de uma vida melhor, enxergando além da oferta atual do bairro, que os incentivasse a se dedicar aos estudos, compreendendo que é o caminho para não se moldarem à vida do crime.

A recepção e a avaliação das atividades, pelos alunos, foram positivas segundo os relatos dos professores. Diante disso, o “Vagão Literário” já tem uma “nova viagem marcada” para mais contação de histórias com os alunos da escola municipal. A equipe pedagógica desta já pediu um planejamento em que as atividades contem com a presença dos pais e responsáveis, desenvolvendo-se uma oficina de interação em família.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração.”

(Nelson Mandela)

Contar histórias não só é um meio de distrair as crianças, mas também uma atividade rica que ajuda a desenvolver diferentes aspectos das suas vidas, como a imaginação, a criatividade, a leitura da escrita e do mundo em que estão inseridas. O contador, ao se envolver com a história e o público infantil, desperta neste o encantamento e o leva a relacionar as histórias com suas vivências, interagindo ativamente com os personagens e os fatos da narrativa.

A contação de histórias, como defendido neste trabalho, sobretudo, deve suscitar nas crianças o desejo de descobrir um mundo diferente a ser explorado para que possam conhecer e vivenciar experiências que cooperem, de forma positiva, com sua formação.

De acordo com Amarilha,

[...] o receptor da história envolve-se em eventos diferentes daqueles que está vivendo na vida real e, através desse envolvimento intelectual, emocional e imaginativo, experimenta fatos, sentimentos, reações de prazer ou frustração, podendo, assim, lembrar, antecipar, e conhecer algumas das inúmeras possibilidades do destino humano. Pelo processo de viver “temporariamente” os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra algum risco. (AMARILHA, 2001, p. 19)

A imaginação despertada, o convite ao mundo da fantasia, o estímulo a pensar e o mover das emoções são ações provocadas pela contação de histórias, que ajudam as crianças a se colocarem na posição de seres reflexivos, que questionam, opinam, discordam, sugerem, reivindicam, interagem socialmente, fortalecendo sua individualidade e desenvolvendo sua humanidade.

A expressão “salvar vidas”, nesta pesquisa, adquiriu dois sentidos: o conotativo e o denotativo. O primeiro refere-se ao fato de a contação de histórias ser um momento de “salvar” as crianças da falta de sonhos e prazer, uma vez que promove a criatividade, a ludicidade, a alegria, o lazer. O segundo diz respeito à ajuda aos alunos de uma das escolas públicas que participaram das oficinas a se distanciar das situações de violência e perigo no local em que vivem.

Através do contato com muitas histórias, as crianças podem aprender a fazer uma melhor leitura de mundo e a enxergar uma realidade diferente daquela em estão inseridas. Sem a utopia de que tudo acontecerá em um passe de mágica, acreditamos que, com o investimento em educação e cultura, diante de um cenário de crise financeira, desonestidade política e desigualdade social, em nosso país, poderemos minimizar os efeitos negativos dessa situação na vida de nossas crianças.

As contribuições da contação de histórias para os alunos foram observadas, nas atividades desenvolvidas, pela contadora e pelos professores. Mas pode-se concluir que o trabalho não só deve continuar como precisa ser ampliado, para que sejam criadas mais oportunidades de que mais crianças possam vivenciar experiências que contribuam, de forma prazerosa, para seu desenvolvimento.

A importância deste trabalho para sua autora e contadora de histórias foi muito além da formação acadêmica. Houve o despertar das memórias literárias da infância, a alimentação da imaginação pela leitura das obras infanto-juvenis. Novas histórias foram vivenciadas a partir das oficinas, que geraram novos encontros para a promoção do encantamento. Os resultados das atividades deram também motivação para continuar a jornada de quem acredita que as histórias são essenciais para as crianças.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2008.
- AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001
- ARAÚJO, Sílvia Helena Azanha. Oficina 8 - Contando histórias. *Fundação Romi*. 2009. Disponível em: <[http://fundacaoromi.org.br/fundacao/nei/projetos.php?p=enc\\_educ&id\\_sub=21](http://fundacaoromi.org.br/fundacao/nei/projetos.php?p=enc_educ&id_sub=21)>, Acesso em 10 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. *A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de criança de seis anos de idade*. 1 ed. Brasília: MEC, 2009.
- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Tecendo os fios da infância. In: \_\_\_\_\_. *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 47-77. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-06.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017
- BANCZEK, Jane Cristina. Contação de histórias: contribuições para aprendizagem das crianças. *Diálogos Multidisciplinares*, v.1 n.3 p. 129–144, nov. 2013. Disponível em: <<http://revista.faculdadeguarapuava.edu.br/index.php/Revistafg2/article/download/70/61>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- BUSATTO, C. Narrando histórias no século XXI: tradição e ciberespaço 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102929>>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males* – Antonio Candido. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81-89, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/8635992/3701>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 5 ed. cor. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 171-193.
- COSTA, Marta Morais da. *Literatura Infantil*. 2. ed. Curitiba: IESD Brasil, 2009.
- FARIAS, Carlos Aldemir. *Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.
- GROSSI, Maria Elisa de Araújo. Contação de histórias. *Glossário Ceale*. s.d. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>> Acesso em: 20 out. 2017.
- MACHADO, Maria Zélia Versiani. Um diálogo com práticas pedagógicas de alfabetização e letramento de crianças de seis anos. Ouvir, ver, ler histórias: narrativas verbais e visuais em práticas de letramento literário na infância. In: BRASIL, Ministério da Educação. *A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de criança de seis anos de idade*. 1 ed. Brasília: MEC, 2009. p.71-78.
- MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. *Pedagogia em Ação*, PUC-MG, v. 5, n.1, p. 54-

59, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>> Acesso em: 23 out. 2017.

PALMEIRO, Susana Dias. *A literatura Infantojuvenil como recurso psicopedagógico na intervenção com jovens em risco*. 2016. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco) – Instituto Politécnico de Portoalegre - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/IPP, 2016.

POLIEDRO. A arte da contação de histórias. *Estadão: Blog dos Colégios*, 13 set. 2016. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/a-arte-da-contacao-de-historias/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PRIETO, Heloísa. *Quer ouvir uma história: lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI

RODRIGUES, Lídia Silva. Literatura como fonte de humanização, prazer e conhecimento. XIII SEMANA DE LICENCIATURA DO IFG –Campus Jataí. 2016. *Anais do.....*, Jataí: IFG, 2016. Disponível em: <<http://www.jatai.ifg.edu.br/semlic/seer/index.php/anais/article/download/464/227>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

RODRIGUES, Luciana Marinho Machado. Literatura infantil: contação de histórias. *Portal Educação*. 14 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/literatura-infantil-a-contacao-de-historias/58790>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ROSSONI, Janaina Cé. FELICETTI, Vera Lucia. A contação de histórias como ação educativa: reflexões sob o viés da teoria cognitiva da aprendizagem. *Atos de pesquisa em Educação*. v. 9, n. 2, p. 517-534, mai./ago. 2014. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/3713/2757>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Contação de história: vida e realidade. In: PRIETO, Benita (Org.). *Contadores de história: um exercício de muitas vozes*. 1. ed. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011. p. 13-16.

SANTOS, Gislene A. da Silva. *A arte de contar histórias: um recurso didático para a formação de leitores*. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho/UNINOVE, 2009. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/NOVE\\_069f8e47b3a45e17c0d9fb97fb4e226e](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/NOVE_069f8e47b3a45e17c0d9fb97fb4e226e)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SANTOS, Vanessa Costa Lima Plácido dos. *Cultura oral: a importância dos contadores de histórias*. 2012. Monografia (Tecnologia em Produção Cultural) - Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – Campus Nilópolis, 2012.

SOUZA, Linete Oliveira de. BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Eucere et Educare: Revista de Educação*, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul.-dez. 2011. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891>>. Acesso em: 10 dez. 2017.